

Migração começa a ser discutida

Luís Cláudio Alves

O problema da migração começará a ser discutido nacionalmente pela primeira vez no País hoje a partir das 14h30, quando o governador Joaquim Roriz abrir oficialmente o 1º Fórum Nacional sobre Migração, no auditório do Palácio do Buriti. De hoje a quinta-feira, os governadores de diversos estados e especialistas neste tema estarão debatendo e propondo soluções para conter o fluxo migratório em direção aos grandes centros urbanos.

Desde que assumiu o Governo do Distrito Federal, em 1º de janeiro deste ano, Roriz tem demonstrado preocupação em articular com outros governadores de estado uma política de contenção da migração. Sua preocupação aumentou ainda mais quando o **CORREIO BRAZILIENSE** descobriu que políticos, órgãos assistenciais e prefeitos de municípios do Nordeste estão patrocinando a vinda de migrantes para Brasília. A maioria desses migrantes vem para Brasília em busca de um eldorado, onde "jorra leite e mel", lembrando o sonho da terra prometida profetizado por dom Bosco, em 1883.

Desequilíbrio — De acordo com as conclusões de outros simpósios e seminários que discutiram o assunto no DF, o fluxo migratório é consequência dos desequilíbrios regionais e do agravamento da crise econômica. Os migrantes são expulsos de seus locais de origem e vêm em Brasília e em outras capitais uma espécie de paraíso, onde esperam encontrar, com facilidade, emprego, alimentação, assistência médica e moradia.

Para o professor Luiz Tarlei, do Departamento de Antropologia e estudioso do tema, o rótulo de eldorado que paira sobre Brasília, atraindo centenas de migrantes, é um reflexo das melhorias das condições de vida, de saúde e de emprego promovidas na cidade. "Uma política nacional de contenção da migração é a única saída para o problema. O que nunca pode ser dito é que fazer justiça social causa migração. Os desníveis sociais é que causam este problema".

A notícia de que políticos e órgãos assistenciais estariam incentivando a migração para Brasília irritou profundamente o governador Joaquim Roriz. O governador condenou o que chamou de "exportação de gente" e declarou que "não será responsável pela irresponsabilidade dos outros", referindo-se aos prefeitos que agem desta forma para se livrarem de problemas como falta de moradias.

Crítérios severos — Para evitar que sua política de distribuição de lotes fosse apontada como um incentivo à migração, Roriz fixou critérios severos na concessão dos terrenos. De imediato, ele deixou bem claro que não distribuirá lotes a nenhum migrante. "Brasília ficará ingovernável se os lotes forem distribuídos para quem está chegando agora à cidade. Nossos serviços públicos já estão sobrecarregados", disse Roriz ao justificar sua decisão, acrescentando que só serão beneficiados com lotes aqueles que estiverem cadastrados e morando no DF há mais de cinco anos.

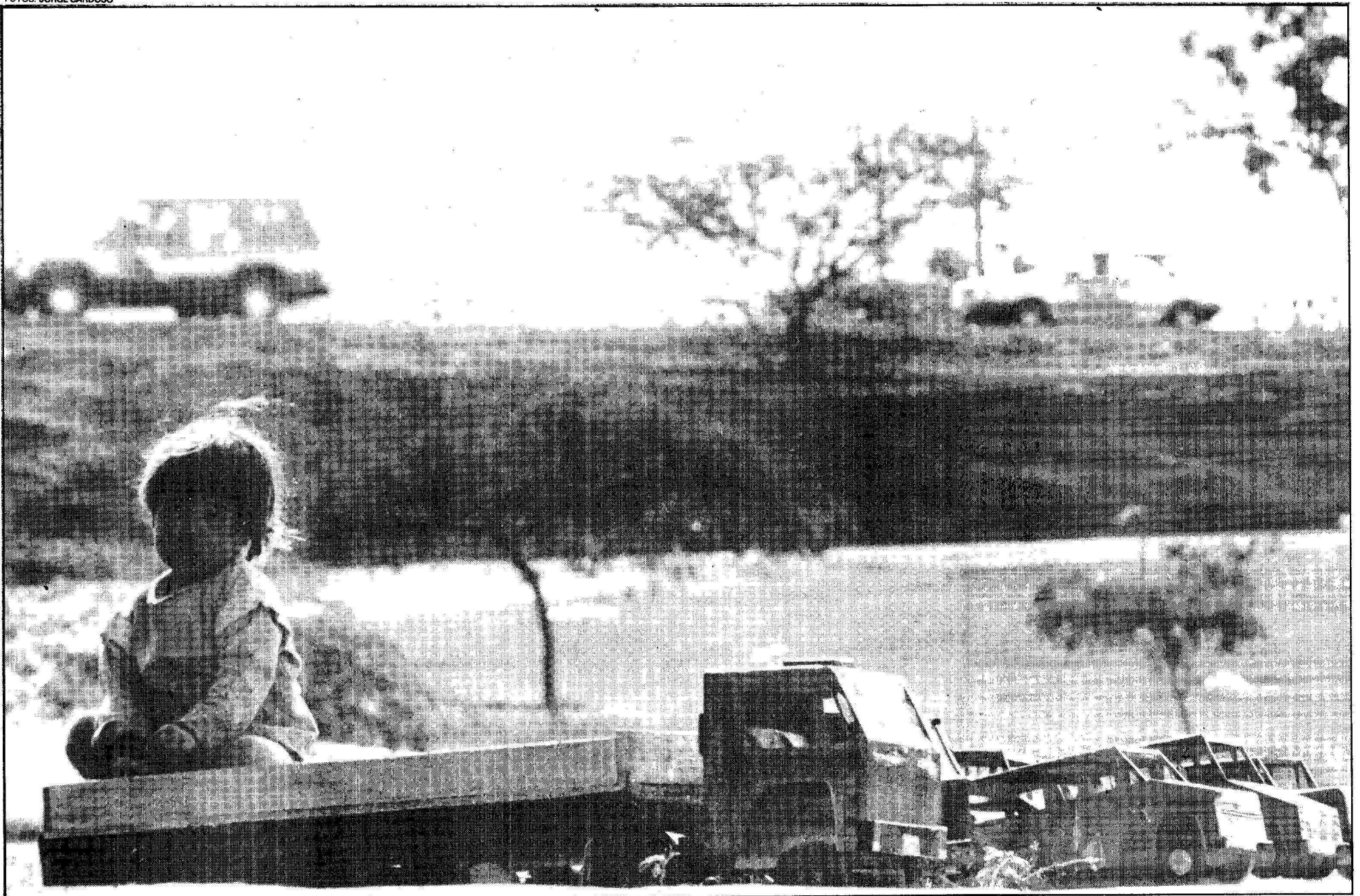
Segundo a secretária de Desenvolvimento Social, Maria do Barro, a mendicância e os meninos de rua são reflexos diretos da migração. "Rapidamente os migrantes se deparam com a dura realidade de uma cidade de muitos problemas e com serviços defasados para atender essa massa migratória. A falta de empregos agravada com a crise econômica conduz a grande maioria dessas famílias de migrantes a mendicância, aumentando consideravelmente a demanda dos serviços na área de Desenvolvimento Social", analisa Maria do Barro.

Uma pesquisa realizada pelo GDF no início deste mês confirmou as denúncias sobre o financiamento de viagens de migrantes para Brasília e levou o governador Roriz a promover com o **CORREIO BRAZILIENSE** e o **Globo** o 1º Fórum Nacional sobre Migração. Em apenas um dia, o GDF detectou 15 casos de famílias que vieram para a cidade graças às prefeituras e políticos nordestinos. Os municípios "exportadores de gente" são da Bahia, Paraíba, Ceará, Mato Grosso, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pernambuco e Pará.

Governadores — Os governadores do Nordeste, região de onde vem a maioria dos migrantes, reconhecem esse fenômeno e apontam a precariedade das condições de vida, aliada às frequentes secas e enchentes em seus estados, e a inexistência de uma política federal de incentivo ao homem do campo como as principais causas do processo migratório. Com os cofres públicos combalidos, eles alegam que só poderão conter o fluxo migratório quando o Governo Federal implementar uma política agrícola que valorize o pequeno agricultor, dando-lhe condições dignas de sobrevivência.



FOTOS: JORGE CARDOSO



Expulsos de seus locais de origem, em decorrência dos desequilíbrios regionais e da crise econômica, os migrantes partem para os grandes centros urbanos